



Religião material: o estudo das religiões a partir dos aspectos percebidos pelos sentidos

Material religion: the study of religions based on aspects perceived by the senses

Patrícia Rodrigues de Souza*

Pesquisadores das ciências humanas têm apontado uma tendência de se estudar os diversos aspectos humanos a partir de perspectivas que colocam as materialidades no centro – tais como a relação com objetos, espacialidade e os próprios corpos como produtores de significado. Esta tendência tem sido reconhecida por muitos estudiosos (Morgan 2010; Vásquez 2011; Hazard 2013; Braülein 2015) como uma ‘virada material’ – quando enfatiza a agência das coisas e, ‘virada sensorial’ quando enfatiza os processos corporais. Embora autores que partam de perspectivas materialistas tenham sempre coexistido com outras abordagens mais textuais e abstratas, costumam ser minoria e têm tido suas proposições tratadas de maneira isolada. Embora pesquisadores mais fiéis aos métodos textuais possam enxergar os estudos a partir da perspectiva material como superficiais ou simplesmente como ilustração dos textos, a materialidade revela processos cognitivos profundos que passam despercebidos, mas que têm consequências duradouras.

Mudanças concretas no mundo, tais como catástrofes ecológicas, pandemias e a revolução tecnológica que temos atravessado têm evidenciado e nos lembrado de que não há um ser interior existindo alheio ao mundo material (Merleau-Ponty 2011). Isto também vale para as religiões, pois ainda que no senso comum (e muitas vezes na academia), religiões sejam percebidas como transcendentais e imateriais, pode-se constatar na prática que nenhum sujeito nasce budista, católico ou umbandista. Eles aprendem a sê-lo. Antes que se consolide a crença numa doutrina de valores é o corpo que aprende um modo de ser, a partir de vestimentas típicas, sons característicos (músicas, preces, silêncios compulsórios), regras alimentares (que definem o que é comestível, quando, como e com quem comer), relações específicas com espaços (arquitetura, paisagens e geografia), gestos e outras práticas corporais presentes em rituais cotidianos ou em ocasiões especiais. Os sentidos estão diretamente envolvidos nestes processos cognitivos e eles não são canais neutros para simples entrada de informação advinda do mundo, mas são antes, modulados por práticas específicas e pelo ambiente materiais nos quais estão inseridos, determinando hierarquias e modos de relação com o mundo físico. Em outras palavras, nossa percepção é culturalmente modelada (Le Breton 2016), através

* Contato: prsouza@pucsp.br – ORCID: 0000-0003-4749-6624. Professora do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). Doutora em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP).

de processos de “enculturação sensorial” (Carp 1977). As religiões neste caso desempenham um papel importante, mesmo em sujeitos que não se percebem como religiosos, uma vez elas que determinaram e determinam padrões estéticos de comportamento, a partir das materialidades – preferências alimentares, vestimenta, conduta sexual etc. Há variações sem dúvida, mas em geral o que é percebido como normal ou natural numa cultura tem frequentemente origens em alguma ontologia religiosa, mas alcançando sujeitos sob a forma de costumes, sendo assim pouco questionados.

Um ambiente protestante, por exemplo, pode favorecer o desenvolvimento musical em sujeitos; os que nascem num ambiente judaico não consideram o porco um animal próprio para consumo e podem chegar a níveis extremos de preocupação com a pureza dos alimentos (Topel 2022); há ocasiões em que mulheres muçulmanas fazem protestos em diversos países em prol do direito de usar o véu; muitos católicos ‘não praticantes’ sempre fazem o sinal da cruz quando passam em frente das igrejas e não deixam de comemorar Natal e Páscoa.

Desse modo, cultura material e religião mesclam-se produzindo diferentes enculturações sensoriais que acabam por construir mundos sensoriais e de significados diferentes. “Não só as pessoas com diferentes combinações de sentidos pensam de forma diferente sobre o mundo, mas as pessoas com diferentes combinações de sentidos têm mundos diferentes sobre os quais pensar!” (Carp 1977). Dito de outro modo, cada religião promove uma “formação estética” (Meyer 2019) particular, isto é, um conjunto específico de mediações que faz um grupo de pessoas sentir o mundo de um mesmo jeito. Religiões então, segundo esse conceito, poderiam ser compreendidas como estéticas compartilhadas. O estudo da materialidade pode, por exemplo, identificar traços de uma religiosidade em outra, indicando os processos formativos. Por outro lado, o estudo dos aspectos materiais também pode ser revelador, uma vez que frequentemente podem deflagrar conflitos religiosos – disputas por posse de território, o incômodo sobre como o ‘outro’ se veste ou come, como apontou um antropólogo acerca da “rixa entre o hinduísta vegetariano e o muçulmano mata-vacas” (Harris 1990). Se diferentes ontologias religiosas não fossem expressas materialmente é possível que conflitos religiosos fossem mais raros ou mais brandos.

No contexto colonial os objetos e as práticas corporais também desempenharam um papel marcante. Foi sempre o desejo por mercadorias que levou certos povos à terra de outros povos – metais preciosos, seda, pau-brasil, especiarias e outros gêneros alimentícios. Quando se encontraram, as formações estéticas religiosas se chocaram a do colonizador se sobrepôs. E “vemos povos cobertos de amuletos ridicularizar outros povos cobertos de amuletos” (Latour 2021). Europeus cristãos com suas imagens da Virgem chamaram de fetichistas (adoradores de imagens) os africanos com seus ídolos de madeira. E daí o preconceito seguiu até hoje. As religiosidades de culturas orais foram em grande parte inferiorizadas por possuírem sistemas de mediação que privilegiam o corpo e as imagens à palavra escrita (Souza 2022). O estudo da materialidade dá voz aos que são deixados de fora pela ausência da escrita – escravos, mulheres, crianças, mas que nem por isso deixam de protagonizar a história de outro modo.

O tipo de formação estética que privilegia a escrita, os conceitos, a abstração e um excesso de mentalismo começou no mundo greco-romano quando religiões politeístas

e sacrificiais foram gradativamente se convertendo em um modo de vida baseado na filosofia e na racionalidade – o que era imanente foi aos poucos se tornando simbólico (Vietta 2015). Este processo, que se dissemina com o cristianismo, se consolida definitivamente com a Reforma Protestante que descarta a eficácia material em prol de uma espiritualidade mais privada e idealista (Vásquez 2011). A academia de estudos de religião nasce neste contexto e pressupõe que religião seja transcendente, privada e que tem o texto sagrado como cerne. O que, por sua vez, criou também seus acadêmicos com uma formação estética específica – desincorporados, eles passaram a ignorar a agência do mundo material sobre eles próprios, assim como sobre seu objeto de estudo – a religião. Isto criou “uma desproporção entre, de um lado, aquilo que a maioria dos cientistas da religião considera importante e, do outro, aquilo que é importante para a maioria dos fiéis, existe um contraste entre a verdadeira vida religiosa e uma limitação deliberada por parte dos pesquisadores. [Ao mesmo tempo], textos sagrados são mais importantes para sacerdotes do que para leigos, mas nem estes, nem aqueles contentam-se com eles. A vida religiosa é sempre mais abrangente do que apenas a doutrina e sua interpretação” (Greschat 2005). Esta lacuna entre uma religião oficial e as idiosincrasias da religiosidade popular pode ser preenchida por abordagens materialistas. Elas possibilitam identificar influências culturais externas, processos sociais, adaptações e inovações.

No cruzamento entre religião e questões de gênero; religião e raça; e religião e capacitismo, as abordagens materiais também podem revelar mais, já que em todos estes casos entram em jogo aspectos perceptíveis pelos sentidos. O corpo diferente suscita diferentes tratamentos religiosos, seja para marcar suas diferenças ou para (mais contemporaneamente) amenizá-las, promovendo a inclusão destes indivíduos. Como rituais religiosos fazem pessoas com algum tipo de deficiência sentirem-se iguais ou diferentes das demais? E a preocupação quase universal das religiões em cobrir e controlar o corpo feminino? Do mesmo modo, em muitas religiões há os objetos sagrados e as práticas exclusivamente atribuídos aos homens ou às mulheres. E o racismo religioso? Esta expressão designa bem a questão racial associada à intolerância religiosa – a cor da pele, a vestimenta, o som dos atabaques frequentemente proibido, os assentamentos e altares de terreiros tantas vezes atacados e destruídos.

Deve-se às questões postas acima o aumento de acadêmicos que vem se interessando e aderindo às abordagens materialistas. A Religião Material como mais comumente é referida vem se constituindo não somente como disciplina, mas como uma área de conhecimento transdisciplinar que engloba abordagens poli metódicas. Autores que têm se preocupado em definir os contornos da área localizam seus primeiros indícios nos anos 1960, a partir da cultura material e do novo materialismo, ambas correntes influenciadas pelo filosofia marxista. Entretanto, só será percebida como área distinta a partir de 2005, com o lançamento do periódico *Material Religion Journal*, fundado por David Morgan, Birgit Meyer e Brent Plate, todos com pesquisas independentes na área. Considerando a tradição da ciência da religião entretanto, quem fundamentou um diálogo mais estreito com esta nova área foi Manuel A. Vásquez através de seu trabalho substancial, *More than belief. A material theory of religion* (2011) que mapeia um eterno debate filosófico e acadêmico entre idealismo e materialismo. Vásquez elenca a influência dos

movimentos feministas que chamaram a atenção para o papel do corpo nas construções religiosas, assim como antropólogos que partem da agência corporal (*embodiment*) para construir suas perspectivas. A relação com a espacialidade (*emplacement*) também recebeu reflexões e um capítulo na obra. Em relação ao trato com objetos de uma perspectiva mais voltada à ciência da religião destaca-se o trabalho de David Morgan, *The thing of religion. An Introduction to the Material Study of Religions* (2021). Nesta obra o autor oferece conceitos bem definidos de modo extraordinariamente didático, como agência de objetos e a utilização da palavra ‘coisa’ no contexto da religião material, já que muitas vezes a palavra objeto pode ser limitada ou implicar conotações específicas indesejáveis, como por exemplo, a ideia de passividade. Isso é, nas academias ocidentais encontra-se frequentemente de um lado o sujeito ativo, sempre humano e de outro, a coisa como um objeto passivo. Um dos pontos nevrálgicos em religião material é que coisas podem ter em muitos contextos, o mesmo poder de agência dos sujeitos (humanos).

Ainda com resquícios desta ontologia ocidental que divide o mundo entre seres animados e coisas inanimadas, a religião material equilibra-se num eixo entre a agência de objetos e espaços de um lado e a do corpo de outro. Na prática estas coisas não se separam, mas percebe-se o surgimento de uma organização didática espontânea que acaba por classificar as diferentes abordagens segundo o estudo de três categorias: objetos, espaços e corpo.

O desenvolvimento de uma perspectiva materialista no estudo das religiões deve tributos à antropologia, a partir da etnografia e do trabalho de campo tem fornecido metodologias indispensáveis. Pesquisar em torno de objetos e práticas corporais é certamente menos novidade para a antropologia. Por isso, alguns antropólogos como Birgit Meyer questionam se há de fato uma virada material ou se é apenas uma variação de algo que a antropologia já vinha fazendo. Seja como for, numa ciência da religião oriunda da filologia, a perspectiva material ainda luta por espaço. Em seu já citado conceito de formação estética (2019), Meyer relaciona corpos e objetos a partir da sensorialidade para explicar dinâmicas sociorreligiosas. Ainda na antropologia, outro autor que oferece uma abordagem conveniente à perspectiva material é Tim Ingold. Embora ele não se concentre no estudo de religiões, sua metodologia de análise sobre como nos construímos a partir de nossas práticas corporais envolvendo objetos, suscita também explicações do *modus operandi* das religiões. Destaca-se também a ideia de Igor Kopytoff sobre a biografia cultural das coisas (1986). O texto pode ser considerado um clássico na abordagem materialista e sugere que coisas têm biografias tanto quanto pessoas, já que podem ao longo de suas trajetórias culturais ocupar diferentes posições, fornecendo informações sobre os contextos pelos quais transita.

No Brasil a religião material ainda não é percebida como uma área de conhecimento distinta, há poucos textos em português, e uma produção nacional que problematize e teorize sobre esta área, segundo a realidade brasileira ainda é modesta. Desse modo, preocupei-me em falar da religião material de modo mais sistemático em minha tese de doutorado *Religião Material. O estudo das religiões a partir da cultura material*, defendida em 2019 no programa de pós-graduação em ciência da religião da PUC São Paulo, e agora busco, através da organização deste dossiê, contribuições originais de outros autores brasileiros que compartilhem da perspectiva da religião material.

No contexto brasileiro a materialidade das religiões tem sido mais explorada por antropólogos do que por cientistas da religião, cumprindo certamente uma agenda própria, mas é possível encontrar entre tais trabalhos bons exemplos metodológicos, como nas obras *Religião e materialidades. Novos horizontes empíricos e desafios teóricos* (Menezes; Toniol 2021); *A alma das coisas. Patrimônios, materialidade e ressonância* (Gonçalves et al. 2013) e os textos de Birgit Meyer traduzidos e organizados por Giumbelli, Rickli e Toniol em *Como as coisas importam. Uma abordagem material da religião* (2019). O Brasil constitui um campo bastante fértil para essa área de conhecimento já que tem em sua religiosidade grande influência da oralidade, assim como questões de gênero, raciais e pós-coloniais a serem examinadas que não cessam de emergir.

Referências

- BRÄULEIN, Peter J. “Thinking religion through things. Reflections on the Material Turn in the scientific study of religion/s” *Method and theory in the study of religion*. Países Baixos: Brill, 2015.
- CARP, Richard. “Perception and Material Culture: Historical and Cross-Cultural Perspectives” *Historical Reflections / Réflexions Historiques*, Vol. 23, No. 3, *Cultural and Historical Interpretation Through Nontextual Material*, pp. 269-300. Berghahn Books, 1997.
- CARP, Richard. “Material Culture” In: Stausberg, M. e Engler, S (Orgs.). *The Routledge handbook of research methods in the study of religion*. London, New York: Routledge, 2011.
- GONÇALVES, José R.; GUIMARÃES, Roberta S.; BITAR, Nina. *A alma das coisas. Patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2013.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- HARRIS, Marvin. *Bueno para comer*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.
- HAZARD, Sonia. *The material turn in the Study of Religion*. *Religion and Society: Advances in Research* 4: 58–78. Berghahn Books, 2013.
- INGOLD, Tim. *Making. Anthropology, archaeology, art and architecture*. New York: Routledge, 2013.
- KOPYTOFF, Igor. “The cultural biography of things” In: Appadurai, Arjun. *The Social Life of Things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- LATOURE, Bruno. *Sobre o culto moderno dos deuses fetiches*. São Paulo: Editora da UNESP, 2021.

- LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*, Petrópolis: Vozes, 2016.
- MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). *Religião e materialidades. Novos horizontes empíricos e desafios teóricos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2021.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MORGAN, David. *Religion and Material Culture. The matter of belief*. New York: Routledge, 2010.
- MORGAN, David. *The thing of religion. An Introduction to the Material Study of Religions*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2021.
- SOUZA, Patricia R. *Religião material. O estudo das religiões a partir da cultura material*. Tese de doutorado. Orientação Frank Usarski, PUC São Paulo, 2019.
- SOUZA, Patricia R. *Pensar a religião através das coisas: materialidade religiosa e decolonização*. REVER, PUC São Paulo. v. 22, n. 2, 2022.
- TOPEL, Marta F. *O sagrado e o impuro no judaísmo: lei, comida e identidade*. Rio de Janeiro: Telha, 2022.
- VÁSQUEZ, Manuel A. *More than belief. A materialist theory of religion*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- VIETTA, Silvio. *Racionalidade, uma história universal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.